

ESCOLHERAM
PORTUGALE
NEM A CRISE
OS AFASTA

ISABEL LOPES TEXTO
ENRIC VIVES-RUBIO FOTOGRAFIA

Trocaram a guerra pela paz. Trocaram o frio pelo sol. Trocaram de país por amor. Para a maioria, a crise ainda não se tinha instalado e, de uma forma ou de outra, Portugal parecia abrir várias portas. Agora, com o desemprego e a austeridade a subir em flecha, continua a valer a pena? Como é que cidadãos estrangeiros qualificados olham para a crise e para a forma como devemos sair dela?



Portugal cheirou-lhe a paz. Vinha fugida da guerra, cumprindo a decisão de nunca mais ficar no meio de um conflito armado. Os bombardeamentos da NATO a Belgrado tinham começado há dois meses e a família passara a viver na cave da casa. Uma noite, debaixo de um intenso bombardeamento, dá-se o incidente que

acaba por fazê-la partir: ela chora sem parar, reventara, mas o pai reage com severidade e ordena-lhe que pare: “Não é só difícil para ti, é difícil para toda a gente.” A mãe intercede: “Deixa-a chorar, deixa... Ela fez sempre tudo o que quisemos, ultrapassou todas as expectativas, deixa-a chorar...” De repente, percebe que a mãe também chora, quando, na escuridão, sente as suas lágrimas. “Nesse momento, agarrada às minhas filhas, disse: ‘Chega!’ Foi a decisão da minha vida: sempre que puder fugir da guerra, vou fugir.” A 25 de Maio de 1999, a atriz e encenadora Natasha Marjanovic chegou a Lisboa. Portugal cheirou-lhe a paz e a infância.

“Hoje Portugal já não cheira a paz. Neste momento vivemos uma guerra económica, absoluta e violenta. Chegaremos a uma nova guerra bélica na Europa? Nada é impossível. Portugal já não cheira a paz devido ao acentuar dos desequilíbrios sociais. E isso leva obrigatoriamente à violência. A fome dói e bem.” As palavras de Natasha parecem ter eco, ajudadas pela sua voz forte e bem colocada.

Estará Portugal a deixar para trás os brandos costumes? A crise, traduzida em desemprego e austeridade e numa nova vaga de emigração, tornou Portugal um país indesejável para se viver? Que visão têm desta conjuntura difícil cidadãos estrangeiros qualificados que se radicaram cá? E o que pensam os nacionais de países ricos? Chegou o momento de partir ou, apesar de tudo, um país sob intervenção externa continua a ter argumentos que os cativam?

Natasha Marjanovic acredita que sim. Tal como o músico e professor universitário Christopher Bochmann e a mulher, a atriz Celia Williams, um casal inglês radicado em Portugal há mais de 30 anos. Ou o escultor alemão Matthias Contzen, a viver em Portugal há 15 anos, o empresário sueco Jonas Lundberg, há 11, ou a sua recém-chegada mulher, a brasileira Flavia. Há quem arrisque e em plena crise estabeleça aqui a sua empresa, como o casal germano-britânico Sabrina Mach e James Page, ou se sinta motivado precisamente pela crise, como o empresário espanhol Carlos Cercadillo. Há ainda quem escolha o país para viver durante um período, como o professor universitário norte-americano Michael Baum. Ou quem, após uma vida passada no estrangeiro, venha concretizar o sonho de viver em Portugal, como a lusoholandesa consultora de gestão Maria de Caldas Antão, acompanhada pelo marido, o holandês especialista em econometria, Pierre Hoonhout. A crise não os demove. As vantagens, garantem, continuam a prevalecer sobre os inconvenientes.

Em Portugal vivem aproximadamente 400 mil estrangeiros. Na última década houve um crescimento de cerca de 70%, ou seja, mais 167.781 pessoas, segundo os Censos 2011. Mas entre 1991 e 2001 esse acréscimo foi de 112%, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE). Portugal assumia assim o confortável papel de país de acolhimento de uma força de trabalho que, além do mais, contribuiu de forma decisiva para o crescimento de 2% da população total.

A tendência inverteu-se, no entanto, em

2010. E os imigrantes altamente qualificados não são excepção. Os Censos indicam um aumento dos estrangeiros com habilitações de nível superior – de 12,5% em 2001 para 14,4% em 2011. “Este é um crescimento ilusório porque a meio da década o ciclo económico entrou em retrocesso, o que provocou um recuo e o retorno da imigração de Leste que tinha sido o fluxo mais qualificado que Portugal acolheu”, explica o sociólogo Pedro Góis, co-autor com José Carlos Marques do primeiro *Estudo Prospectivo Sobre Imigrantes Qualificados em Portugal*, de 2007. Para este especialista em migrações, o fundamental desta diminuição é permitir “antever um *brain waste* e uma perda de atractividade do país face a este tipo de migrantes”. “Se acrescentarmos a esta tendência a aceleração da migração de jovens e de quadros técnicos portugueses altamente qualificados, parece claro estarmos num momento de desperdício de investimentos em capital humano que terá consequências no desenvolvimento a curto e médio prazo do país”, alerta.

À data da realização dos Censos 2011, em Março, moravam em Portugal 394.496 pessoas de nacionalidade estrangeira, representando 3,7% do total da população.

O cidadão estrangeiro residente em Portugal era maioritariamente de nacionalidade brasileira, mulher, 34 anos de idade, solteira, católica, residente na região de Lisboa, com o ensino secundário, empregada e com a profissão de trabalhadora da limpeza, revelaram os Censos. Cerca de metade dos estrangeiros é oriunda dos países lusófonos: 29% da América do Sul – com um peso quase exclusivo do Brasil – e 24% dos países africanos de expressão portuguesa. A parte restante distribui-se pelos 24% da União Europeia, 6% da Ásia e 2% da América do Norte, correspondendo os restantes 15% a um conjunto de outras nacionalidades.

Na última década, o Brasil tornou-se o país mais representado em Portugal: o número de brasileiros mais do que triplicou (+244%), sendo presentemente quase 110 mil, o que corresponde a 27,8% do total dos estrangeiros.

As comunidades cabo-verdiana e ucraniana “disputam” o segundo lugar. Os Censos colocam a comunidade de Cabo Verde em segundo lugar, com quase 39 mil pessoas e um peso de 10%; os naturais da Ucrânia formam a terceira comunidade, com quase 33.800 cidadãos, o que corresponde a 9% do total dos estrangeiros residentes em Portugal. Mas segundo o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, SEF, a ordem é a inversa, e a verdade é que, face aos Censos de 2001, a comunidade ucraniana teve um aumento assinalável, com mais 23 mil pessoas (+213%).

Em sentido contrário, destaca-se o comportamento da comunidade angolana, que, de principal nacionalidade em 2001, com 37 mil indivíduos e um peso de 16% na população estrangeira radicada em Portugal, passou para o quarto lugar com apenas 7%, com a saída do nosso país de 10 mil angolanos.

Natasha Marjanovic gostou da coincidência de chegar a Portugal na data oficial do aniversário de Tito, o marechal artífice da união da Jugoslávia, ou não preferisse ela definir-se como ex-jugoslava em vez de sérvia nascida na Bósnia. Mas o desafio de construir uma vida no estrangeiro pareceu-lhe enorme, sentiu-se a desanimar como nunca lhe havia acontecido ao pensar que nunca mais subiria a um palco por causa da barreira da língua. Havia um turbilhão de perguntas para as quais não sabia



as respostas. “Lembro-me de olhar pela janela e pensar: ‘Será que um dia, após alguns anos nesta terra, vou dizer ‘eu tenho amigos’, ‘eu conheço ruas’, ‘eu gosto de estar aqui’, ‘eu trabalho’? Será que isto tudo vai passar? Quanto tempo demora este começo?”

Num apartamento em Linda-a-Velha, perto daquele para onde veio inicialmente morar com o irmão, que já estava imigrado em Portugal, Natasha Marjanovic, 42 anos, conta a sua história num português fluente. Quase 14 anos após ter chegado a Lisboa, com as filhas gémeas e o agora ex-marido croata, Natasha só ainda não conseguiu perder o sotaque eslavo. Fez amigos mais depressa do que pensava e eles foram fundamentais para retomar a sua profissão de actriz. Fundou uma empresa, criou e educou duas filhas. “Quando os amigos partiam para o estrangeiro, pensava que morreria se deixasse a minha terra. Mas não se morre.”

Recorda que começou a trabalhar num bar, mas o bichinho do teatro reapareceu rapidamente. Estudava diariamente o português, um dos objectivos era traduzir textos da sua autoria que tinha levado à cena em Belgrado e propor a sua encenação a uma companhia portuguesa. Mas descobriu que, ao contrário da capital sérvia que tem vários teatros infantis, em Lisboa não era assim. Foi Beatriz Quintella (mais tarde fundadora do projecto

Operação Nariz Vermelho) quem lhe apontou o caminho, incentivando-a a formar a sua própria companhia de teatro infantil para se apresentar nas escolas, uma área a desbravar, e a retomar em Portugal o projecto das festas de aniversário para crianças que tanto êxito havia tido em Belgrado. Deu-lhe ainda o conselho inspirador de ultrapassar o problema da língua inventando personagens que não dominassem o português – como a Florisberta de Marte, com o seu linguajar que não é mais do que uma criativa utilização da língua sérvia. Marjanovic criou então a companhia de teatro Cinderela (que se estreou em 2001) e depois, sob o nome Palco de Chocolate, foi diversificando as áreas de actuação (da animação à formação).

No campo pessoal sofreu, no entanto, um revés, com o divórcio de Drazen, que regressou a Sarajevo. “Começou a minha terceira guerra: como uma artista imigrante pode sobreviver em Portugal sozinha e com duas filhas? Foi muito difícil, vivíamos com dez euros por semana e para pôr comida na mesa fazia em casa pão e panquecas.”

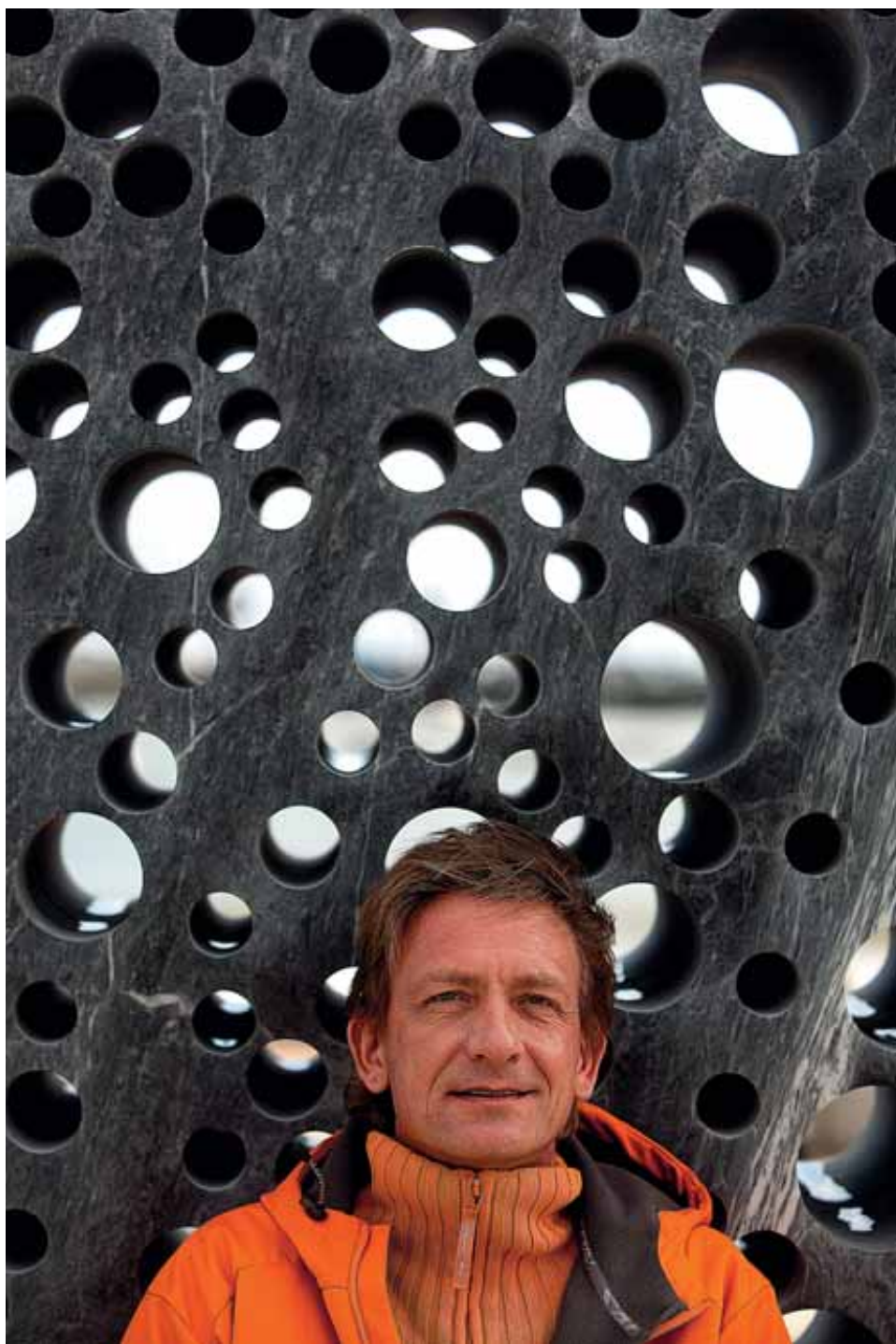
Quintella fazia-lhe muitas perguntas sobre a guerra e Natasha falava dos nacionalismos que puseram a ex-Jugoslávia a ferro e fogo, da fuga de Sarajevo em 1992, com o marido e as filhas, para a casa dos pais, em Belgrado, onde foi novamente apanhada pela guerra...

E choravam e riam. “Ela dizia-me: ‘Sobe ao palco Natasha, conta essa história ao mundo.’ E oferecia-se para fazer a dramaturgia”, lembra. Em 2006, estreou *Vento Leste*. “É a grande viragem da minha vida em Portugal.” Abrem-se portas, surgem convites e apoios. “Não acredito que mudo alguém. Mas acredito que sensibilizo.”

Em Portugal, voltou a seguir o seu lema de vida: para superar os obstáculos, há que ser criativo e perguntar o que se pode oferecer de diferente. Uma receita que também aconselha para ultrapassar a crise actual. “O que vejo não me agrada. No conforto somos todos amigos mas no desconforto somos solidários?” Apesar desse desagrado e de estar convicta de que na Sérvia conseguiria rapidamente uma qualidade de vida semelhante à alcançada em Portugal, não tem planos para sair do país onde estruturou a vida, comprou casa e as filhas fizeram os estudos – Ana está no último ano de Gestão e Tiana concluiu Relações Internacionais e procura emprego.

A actriz e as gémeas – estas com a dupla nacionalidade, sérvia e croata – estão, aliás, a tratar da obtenção da nacionalidade portuguesa. “Reunimos as condições há muito tempo mas fomos um bocadinho preguiçosas...” Em Portugal, vivem 149 sérvios, segundo o INE.

O nível de escolaridade com maior per-



centagem na população estrangeira é o secundário e pós-secundário, com 32,7% face a apenas 19,9% dos nacionais relativamente à população portuguesa. Segundo os Censos, 14,4% dos estrangeiros são detentores de habilitações superiores, valor inferior aos 16,6% da população portuguesa.

Apesar dos passos dados nos últimos anos – a nível legislativo e com planos nacionais de integração –, subsistem dificuldades no reconhecimento das habilitações dos estrangeiros, o que leva o sociólogo Pedro Góis a propor a criação de “uma agência nacional de qualificações que centralize os processos”.

Motor de desenvolvimento para o país de acolhimento e a custo zero, os imigrantes altamente qualificados constituem um universo ainda pouco conhecido em Portugal, como sublinham Pedro Góis e José Carlos Marques no já citado estudo de 2007, realçando o “défice de informação, estatística e teórica” e recomendando, em termos de políticas públicas, uma “coordenação interna da informação”. Cinco anos depois, ao realizarem novo estudo para o Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Cultural (ACIDI), os dois investigadores do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra depararam-se com idênticas dificuldades, como explica Góis: “Infelizmente, não há grandes novidades. As estatísticas não dão

A vida do alemão Matthias Contzen faz-se, há anos, entre Cascais, onde vive, e Pero Pinheiro, Sintra, onde trabalha nas suas peças de escultura. O professor inglês Michael Baum chegou a Lisboa no dia seguinte ao incêndio do Chiado. Agora, vive com a mulher e dois filhos na capital. No plano anterior, a actriz de origem sérvia Natasha Marjanovic

a realidade e ainda não estão suficientemente desagregadas. E há informação que não está disponível, ou por não ser tratada ou nem sequer ser recolhida.”

Pedro Góis e José Carlos Marques identificam três tipos de imigrantes altamente qualificados: os que têm as suas qualificações reconhecidas e trabalham na sua área de interesse, os que não conseguem esse reconhecimento e são obrigados a laborar noutra área e os que são internamente qualificados.

A grande novidade do novo estudo tem que ver com este terceiro tipo, dada a explosão do número de pós-graduações, mestrados e doutoramentos feitos por estrangeiros em Portugal, com destaque para os brasileiros. Tal deve-se, segundo Góis, à divulgação da oferta formativa que as universidades portuguesas começaram a fazer no Brasil, país que, por sua vez, aumentou o número de bolsas de estudo no estrangeiro. “Os estudantes estrangeiros de pós-graduação em Portugal são já da ordem dos 20 mil”, avança o também docente na Universidade do Porto.

Face a esta explosão, e ao facto de muitos estudantes optarem por ficar a trabalhar no nosso país ou permanecerem, de algum modo, ligados a Portugal, faz sentido, segundo o investigador, “tratá-los como imigrantes, o que não acontecia até há pouco tempo. Ao fim de cinco anos com autorização de

residência, podem aceder à nacionalidade portuguesa”.

As principais recomendações deste estudo visam este grupo. “Há um mercado gigante da lusofonia. E Portugal, com a sua academia muito qualificada, dispõe de uma oferta que a lusofonia não tem. Também aqui é necessário fazer diplomacia económica”, comenta.

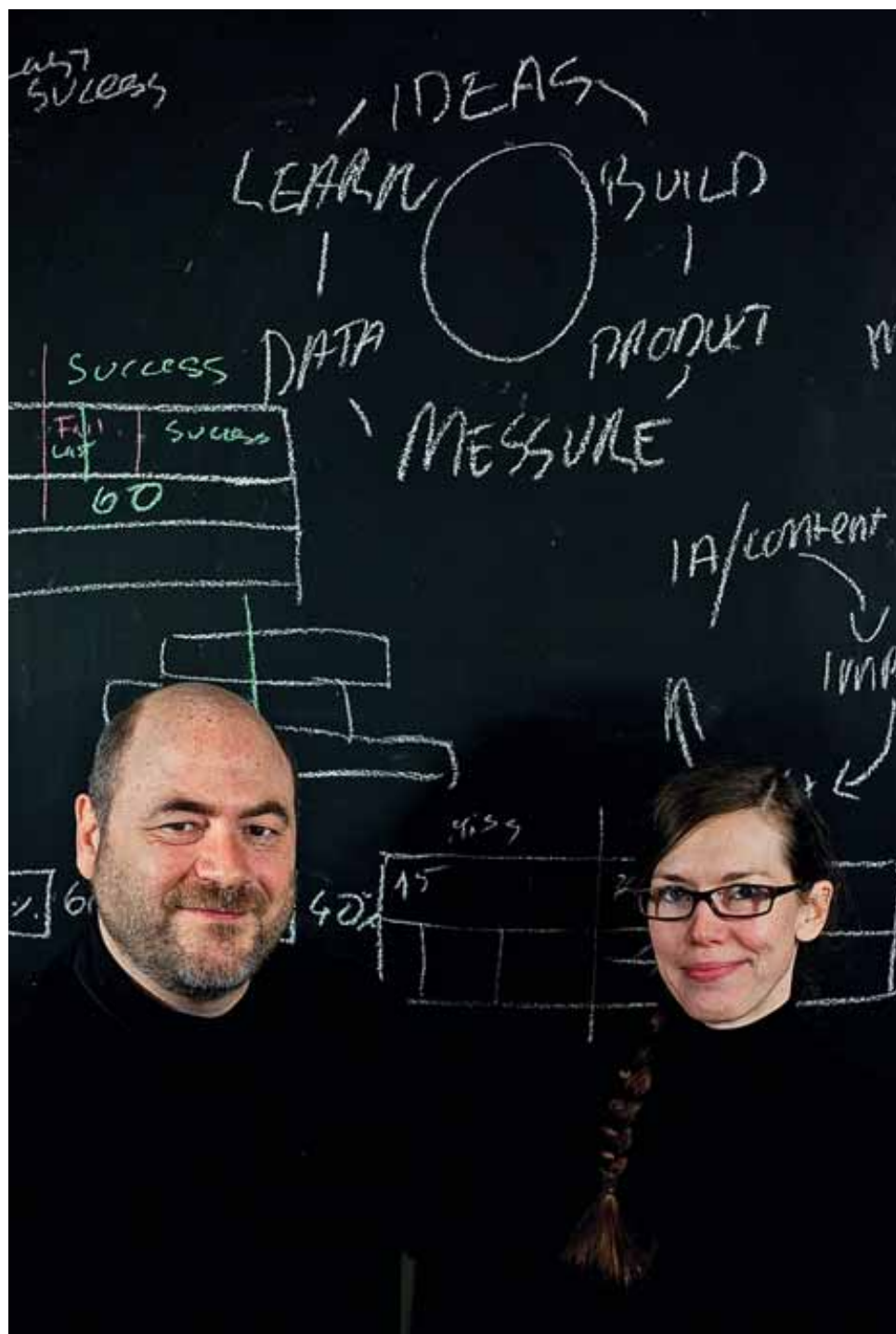
lavia faz parte do grupo de milhares de brasileiros que prosseguem os estudos superiores em Portugal. Mas o seu percurso é único. Esta aluna do mestrado em Educação da Universidade Nova de Lisboa partilha com um empresário sueco radicado em Portugal, Jonas Lundberg, um romance vivido em ritmo acelerado, marcado por decisões improváveis e que une três continentes. Em Outubro de 2011, Lundberg viajou para Angola em negócios e alojou-se no Hotel Loanda. Flavia Machado estava hospedada no mesmo hotel, há uma semana, e ia ficar mais dois meses, a duração do curso de formação de actores que estava a ministrar. “Quando nos cruzámos no elevador, senti que precisava de conhecer esta mulher”, recorda o sueco. Nascido há 43 anos em Gotemburgo, com formação em Economia Internacional, Gestão e Finanças, chegou a Portugal em 2002 como director financeiro de uma empresa sueca de materiais de construção, de que entretanto se tornou um dos proprietários.

“Para nós, Luanda é a cidade do amor”, reforça Flavia, carioca de 31 anos, formada em Língua Portuguesa e Literaturas e fundadora de uma companhia de teatro. “Tive de pensar muito, até porque esta decisão implicava deixar o meu trabalho. Mas estou muito feliz. Vim porque o meu amor estava aqui.” Após a breve semana que coincidiram em Angola, Jonas e Flavia foram-se conhecendo via Skype e perceberam que queriam passar a vida ao lado um do outro. Ela já não regressou ao Rio de Janeiro e veio directa para Lisboa, a tempo de festejar o Natal de 2011, e em Julho de 2012 casaram na embaixada da Suécia. Vivem na Parede, com o mar a perder de vista.

“Quando cheguei, falava ‘zero’ de português. Conseguir comunicar era muito importante”, conta Lundberg. Frequentou algumas aulas, mas foi sobretudo com a leitura e a ajuda dos colegas que aprendeu o português, no qual se expressa fluentemente. A restante adaptação foi fácil e na comida até se tornou “mais português”. Quando o IKEA se instalou em Portugal, para regozijo dos cerca de 600 suecos aqui radicados, “ficou tudo completo”, brinca.

Uma “burocracia muito mais elevada do que na Suécia” foi o principal aspecto negativo com que se deparou. “Para ter um simples cartão de aluguer de vídeos, é necessário apresentar vários documentos!” Em contrapartida, há outras regras que parecem feitas para ser contornadas: “Na Suécia, sabe-se muito bem quais são as regras e não se pode jogar fora delas, porque esses actos vão ter consequências. Em Portugal, há uma cultura de que se pode fazer tudo porque não acontece nada”, refere, sublinhando, no entanto, que “é preciso respeitar o país onde se mora. Podemos ter opiniões diferentes mas temos de saber conviver com a realidade”.

Flavia admite que no Brasil as coisas se passam de forma idêntica a Portugal e confessasse impressionada com este olhar tolerante do marido. “Ele conseguiria viver em qualquer lado.” Até porque, tendo à partida a vida mais facilitada, fala de uma adaptação “um pouco difícil”: “Há muitos preconceitos dos portugueses em relação aos brasileiros e há um



estereótipo da mulher brasileira que coloca todas as pessoas no mesmo pacote. Senti muito isso quando cheguei. É muito mau.”

Lundberg mantém o discurso da transparência para defender que um povo como o português “é suficientemente inteligente para que os políticos falem claro e tenham a coragem de tomar as medidas realmente certas”, em vez de “fazerem o que é mais fácil, limitando-se a aplicar uma austeridade de cortes. Não se trata de alterar tudo de um dia para o outro, mas de dar passos para que Portugal se torne competitivo porque não está desligado do mundo”. É preciso ter consciência de que “a crise existe agora e não vai continuar para sempre”.

“Portugal é a nossa opção”, assegura o casal. Tal não passa, contudo, pela aquisição da nacionalidade portuguesa, dado que Jonas beneficia do estatuto de cidadão europeu e Flavia, pelo casamento, tem direito a residir em Portugal. Distinta é a opção quanto a acederem à nacionalidade de origem de cada um, até pelas vantagens práticas: a nacionalidade brasileira dará a Jonas livre acesso aos países da América do Sul e a sueca fará o mesmo por Flavia relativamente à Europa.

A comunidade espanhola em Portugal é a que apresenta as qualificações mais elevadas entre a população estrangeira – 43,6% dos espanhóis têm, segundo o INE, diploma

James Page e a Sabrina Mach pensaram instalar-se na Polónia, mas optaram por Portugal: criaram há dois anos uma start-up que emprega oito portugueses. Jonas Lundberg e Flavia Machado, ele empresário sueco, ela brasileira, conheceram-se em Angola mas vieram casar-se em Lisboa em 2012. Maria de Caldas Antão e o holandês Pierre Hoonout não tinham planeado trocar Londres por Lisboa, mas agora acham ter feito um bom “negócio” (página à direita)



do ensino superior. As profissões de médico (8,3%) e enfermeiro (5,8%) são as principais entre os cerca de 10.500 espanhóis radicados no nosso país e que constituem a 10.ª nacionalidade mais representada.

A crise não assusta Carlos Cercadillo. Antes pelo contrário. Foi por Portugal estar em crise que este espanhol especialista em imobiliário começou, há dez anos, a fazer negócios no país. Mais tarde, já como administrador do grupo empresarial Cerquia, criado em 2006, manteve a aposta no mercado português.

Não há engano nas datas, pois quando fala na crise portuguesa Cercadillo não se refere à actual conjuntura mas a algo que perceciona como mais estrutural: “Portugal está sempre em crise, parece que nunca levanta voo...”, considera este empresário de 40 anos, que fixou residência em 2005 no Monte Estoril, após ter-se apaixonado pela zona envolvente.

Solteiro, assume que não tem a âncora de uma família, dividindo o tempo em função dos negócios – idealmente fica em Portugal de quinta a segunda-feira, os outros dias está em Madrid ou Guadalajara, onde a família vive, ou a viajar.

O seu grupo está igualmente presente em Espanha e França, mas prefere trabalhar em Portugal porque “há mais oportunidades” e em Lisboa por ser “uma cidade que está

praticamente virgem do ponto de vista imobiliário, porque o seu centro não se desenvolveu”. Aplica uma estratégia que diz ser simples mas eficaz: reabilitação integral de imóveis, com equipamentos e tecnologia de ponta, nas duas zonas “com mais futuro” da cidade – Marquês de Pombal-início da Avenida da Liberdade e eixo Saldanha-Campo Pequeno.

Cercadillo refere que nos últimos cinco anos já fez um investimento em Lisboa da ordem dos 120 milhões de euros para clamar por uma boa relação com a administração central e local. Ao invés, lamenta que em Portugal não existam “nem incentivos nem facilidades” a empresas que “geram postos de trabalho”.

Sobre a crise económica, advoga que “a única saída para a Europa é estar cada vez mais unida” através da procura de sinergias dos sistemas bancário, fiscal e económico. “Nessa altura, teremos todos as mesmas cartas. E as crises serão globais.”

Com quase 15800 cidadãos, a comunidade britânica ocupa o 7.º lugar no “ranking” das nacionalidades presentes em Portugal e é a segunda com maior percentagem de qualificações de nível superior. Entre os britânicos, as profissões de professor (9,9%) e de director-geral e gestor executivo de empresas (5%) são as mais representadas, informa o INE.

Christopher Bochmann diz que tem a doença do professor: estar sempre otimista. Apesar da crise e dos seus efeitos, que no seu caso podem bem ser medidos: como professor universitário, o músico tem estado sujeito aos cortes impostos à função pública, com reduções salariais e perda de subsídios de Natal e de férias. “O salário já foi reduzido cerca de 25%, o que é muito”, comenta. Mas Bochmann não é de esmorecer, nem a sua mulher, Celia Williams. Nem agora nem quando enfrentaram uma integração difícil na sociedade portuguesa, com momentos de solidão e até de xenofobismo. Desde que se radicou em Portugal, no início dos anos 1980, o casal ponderou por uma única vez abandonar o país devido a uma encruzilhada profissional do músico: em 2001, quando terminou o segundo e último mandato como director da Escola Superior de Música de Lisboa, considerou que porventura já nada de útil teria para fazer em Portugal. Mas o convite da Universidade de Évora para desenvolver o Departamento de Música fê-lo recuar.

“A nossa casa é aqui”, afirma Celia, mesmo que isso represente deslocar-se a Londres para representar na sua língua materna, pois em Portugal está confinada ao teatro em inglês (The Lisbon Players) ou a papéis de “estrangeira” na língua portuguesa, dado o seu sotaque.

Os Bochmann vivem no bairro da Encarnação, em Lisboa, e têm uma segunda habitação em Viana do Alentejo, comprada para férias e fins-de-semana, mas onde o músico passou a morar parte da semana desde que, há seis anos, se tornou professor catedrático na Universidade de Évora e onde dirige, desde 2009, a Escola de Artes. “Para nós, o Alentejo é a pérola do país”, comenta. Ao contrário da maioria dos britânicos, que reside no Algarve e em Cascais, estes não são locais da sua preferência, antes pelo contrário: “Só lá vou obrigado.” Argumenta que têm excesso de estrangeiros e não se fala português. “E eu fiz um grande esforço para falar a língua portuguesa”, conta Bochmann.

Esse desafio colocou-se quando, aos 26 anos, percebeu que conseguia antecipar o que iria fazer quando tivesse, por exemplo, 62 anos, a sua idade actual. Concluída a formação na Universidade de Oxford (perto de Chipping Norton, onde nasceu), começara a leccionar música no ensino secundário e tinha pela frente apenas a possibilidade de mudar de escola. “Essa previsibilidade profissional era asfixiante.” Um amigo brasileiro indicou-lhe o caminho e, para se candidatar a empregos no Brasil, Bochmann munuiu-se de um dicionário e de uma gramática, iniciando assim a aprendizagem do português. Correu bem porque foi contratado para a Escola de Música de Brasília, mas passados dois anos, com os pais a envelhecer longe, o casal decidiu regressar à Europa, e Portugal, para quem falava português, surgiu como um “destino de bom senso”. “Pensámos que seria óptimo criarmos aqui a nossa família. Se fosse hoje, não sei se pensaríamos a mesma coisa, Portugal já é outra coisa, mas em Inglaterra é assim há muito tempo”, explica Celia, nascida há 54 anos em Chorleywood, arredores de Londres. A filha mais velha, Alexandra, de 28 anos, nasceu em Inglaterra, e a mais nova, Elizabeth, 23 anos, já nasceu em Portugal, mas ambas têm a nacionalidade britânica e continuam a viver cá.

“Quando cheguei, a música não era vista como uma profissão séria, mas isso mudou muito.” O seu currículo iniciou-se no Instituto Gregoriano de Lisboa e passou pelo Conservatório Nacional, Escola Superior de Música de



Lisboa e Orquestra Sinfónica Juvenil.

Um percurso que não foi isento de espinhos. “No Brasil, as pessoas são muito abertas e pensamos que em Portugal seria idêntico, mas não. Foi um bocado solitário, ninguém nos convidava para as suas casas”, relembra Celia. Ele recorda que sentiu esse muro logo na admissão ao Instituto Gregoriano, pois, dos três pareceres necessários, num estava escrito que Portugal não precisava de músicos estrangeiros. E em 1995, quando chegou a hora de ser escolhido o primeiro director da Escola Superior de Música de Lisboa – em cujo processo de instalação esteve de corpo e alma –, um grupo de pessoas opôs-se à sua candidatura. “Não queriam que eu fosse director por ser estrangeiro.” Um advogado fez a sua defesa e ficou dois mandatos.

Nem por isso vê necessidade de ter a nacionalidade portuguesa, até porque vive num país da União Europeia e é natural de outro. Comenta que o único eventual direito relevante que adquiririam seria a possibilidade de votarem nas eleições legislativas e presidenciais – com a autorização de residência permanente, apenas podem votar em Portugal nas autárquicas e europeias, estando-lhes também vedada a participação nas legislativas inglesas. “Temos a vantagem de não sermos responsáveis nem pelo Governo português nem pelo inglês”, ironizam.

Em Portugal, Bochmann é especialmente crítico dos direitos adquiridos por algumas classes profissionais, como a sua. “Como as nomeações dos professores universitários são definitivas, se um departamento deixa de ter tanto sucesso e diminui o número de alunos, fica com professores a mais, enquanto noutra área em crescimento há professores a menos. Isto é um absurdo!” Critica ainda as soluções cegas. “As medidas de austeridade estão a ser aplicadas sem critério, a todos por igual, quando se devia valorizar quem trabalha bem por comparação com quem trabalha de forma medíocre. Posso garantir que, da minha parte, os cortes não tiveram como resultado uma diminuição de trabalho. Mas não posso deixar de notar e de compreender a falta de motivação dos outros.”

Mais do que nunca, não quer saber quanto ganharia se trabalhasse no seu país ou no do seu pai, a Alemanha. “Nunca fiz essa comparação porque iria dar um desgosto a mim próprio. Até porque estou muito consciente de que o meu salário de topo da carreira de professor catedrático é em Portugal claramente menor, mesmo tendo em atenção que nesses países há um custo de vida mais elevado.”

Igualmente professor universitário e anglófono, o norte-americano Michael Baum é um entusiasta de Portugal. E, no entanto, conheceu o país “por acaso”, quando se candidatou a dar aulas de Inglês no Instituto Americano em Lisboa. Aterrou na capital portuguesa “um dia após o Chiado ter ardido”, portanto, a 26 de Agosto de 1988. Outra data que recorda é Março do ano seguinte, porque conheceu Regina, com quem casou em 1993, o ano em que voltou a Portugal para fazer o doutoramento com uma tese sobre a reforma agrária.

Doutorado em Ciência Política e nascido há 47 anos em York, Pensilvânia, Baum é professor associado na Universidade de Massachusetts-Dartmouth, onde integra a direcção do Centro de Estudos Portugueses. É neste âmbito que dirige desde 2001 um curso de Verão com a duração de um mês – o UMass Dartmouth-ISEG Summer Program –, leccionado no Instituto Superior de Economia e Gestão por si e pelo especialista em Direito Internacional e Integração Europeia António Goucha Soares. Inspirado neste modelo, começou em Setembro passado um novo programa de estudos

mas com a duração de um semestre ou de um ano – o UMass In Lisbon –, igualmente apoiado pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), mas feito em parceria com o Instituto Universitário de Lisboa-ISCITE. O curso de Verão tem tido, em média, 12 alunos, e este teve sete em cada semestre. Baum tem a ambição de que estes números aumentem. “Anualmente, há cerca de 240 mil americanos que estudam no estrangeiro e, destes, aproximadamente 24 mil vão para Espanha, enquanto para Portugal vêm apenas 260. Não faz sentido que haja uma diferença tão grande.”

Regina Rendas Baum, nascida em Luanda há 41 anos e especialista em estatística, desabafa que “ainda acontece muito os americanos confundirem Portugal com Espanha, pensando que a Península Ibérica é um único país”.

O casal Baum comprou casa em Lisboa, onde vive agora, com os filhos de cinco e oito anos, por um período de um ano. Apesar de todos terem dupla nacionalidade, ainda não equacionaram deixar definitivamente a sua casa em Providence.

“Viver em Portugal com salários dos Estados Unidos é muito atraente, mas com salários de cá o cenário muda”, diz Baum, se bem que, feitas as contas, chega à conclusão de que o seu ordenado de professor é semelhante nos dois países. A verdade é que a comunidade norte-americana em Portugal – com pouco mais de 3200 indivíduos contabilizados pelo INE – não é expressiva.

“A qualidade de vida nos Estados Unidos é muito segmentada e a desigualdade social é maior do que em Portugal. Mas, na Europa, Portugal é dos países mais desiguais”, afirma. “Se me perguntarem onde é que eu preferia ser pobre, se nos EUA ou em Portugal, é muito difícil responder. Em Portugal, ter-se-á muito menos rendimento do que nos EUA. Mas isso significa que se vive muito melhor nos Estados Unidos? É muito discutível.”

A região de Lisboa concentra mais de metade dos estrangeiros que vivem em Portugal (51,6%), seguindo-se, por ordem decrescente e com valores da ordem dos 13%, as regiões do Centro, Algarve e Norte. Por último, o Alentejo (6%), a Madeira (1,4%) e os Açores (0,8%). Os dados do INE revelam que Sintra é o município que concentra o maior número de estrangeiros (8,9%), estando Lisboa em segundo lugar (8,7%). Seguem-se, com valores entre os 4,8% e os 4,5%, Amadora, Cascais e Loures.

A vida do alemão Matthias Contzen faz-se, há anos, entre Cascais, onde vive, e Pero Pinheiro, Sintra, onde trabalha. Mudou-se para Portugal em 1998 e nunca imaginou poder assistir a uma crise com os contornos da actual. “Julgava que ficar sem casa ou não ter o que comer eram realidades ultrapassadas na Europa, mas, infelizmente, não são”, lamenta o escultor.

“O que fazem as pessoas quando acaba o subsídio de desemprego? Como vivem?” Inconformado, sublinha que noutros países da Europa, como a Alemanha, onde nasceu em 1964, em Aschaffenburg, há sempre uma rede social de protecção: “Na Alemanha, também há pobreza, e quem não tem nada tem direito a um apartamento básico e a um subsídio, com um mínimo de cerca de €500.” Em Portugal, pelo contrário, os tempos são de corte nas funções sociais do Estado, um propósito que Contzen adjectiva como horrível e problemático: “Como é possível reduzir-se mais o Estado social?!”

Salienta que “os alemães não sabem nada de Portugal, não fazem ideia do que é a realidade dura deste país”, e lamenta que a chanceler



alemã, Angela Merkel, cometa erros como o de acusar os países do Sul da Europa de terem mais férias do que na Alemanha.

O escultor considera que a política de austeridade em Portugal tem sido “completamente errada”, porque as medidas são “muito exageradas e contraproducentes”. E acredita que só através da iniciativa privada será possível avançar. “Quando há crise, não se pode ficar parado, isso é a pior coisa que se pode fazer.” Olha em volta, mostrando a prova do que acaba de dizer: a Sculpture Factory, a cooperativa de escultores que dirige e de que foi um dos fundadores há cinco anos, precisamente no início da crise. Está localizada no centro de Pero Pinheiro e por ali passam artistas de muitas nacionalidades como residentes. Também Contzen, quando se mudou para Portugal, já mestre em escultura de pedra, veio trabalhar para a terra da pedra mármore.

Mas o primeiro lugar que visitou em Portugal foi Odeceixe, em 1984, tendo regressado cinco anos depois para fazer férias no Guincho. Foi nessas andanças que conheceu a mulher. Começaram por viver durante seis anos na Alemanha, onde Constança fez o doutoramento em Direito e nasceu o primeiro filho, hoje com 18 anos. “Ela nunca se deu muito bem com a mentalidade dos alemães, muito frios, pouco abertos aos estrangeiros... E não encontrou trabalho, talvez por ser estrangeira e mulher.”

Em 1998, o casal mudou-se para Portugal, aproveitando uma proposta para Constança leccionar na Universidade Autónoma de Lisboa. “Para mim, era um grande risco, uma autêntica aventura”, diz o escultor. A começar pela língua, que só aprendeu após três meses de aulas, “uma tortura”, admite, em bom português. A opção por Portugal, onde já nasceu o segundo filho, há 13 anos, foi “uma aposta ganha”. A situação profissional de Constança alterou-se radicalmente (continua a dar aulas, trabalha na Fundação Gulbenkian e, nos últimos seis anos, foi diplomata em Bruxelas) e a carreira de Contzen descolou. “Tive muita sorte por ter sido contratado pela galeria de arte de São Mamede, uma das mais importantes do país”, conta. O valor das suas peças pode chegar aos 50 mil euros e está representado em vários países – neste momento, tem uma exposição de obras públicas na Cidadela e na baía de Cascais.

São várias as vantagens de Portugal enumeradas pelo artista, que destaca o facto de poder trabalhar sempre com luz natural e de ter custos de produção quatro a cinco vezes menores (dos materiais às ferramentas, passando pela mão-de-obra).

“A vida é mais segura na Alemanha, mas aqui tenho uma qualidade que não teria no meu país”, garante. Os filhos – que têm a dupla nacionalidade, ao contrário dos pais, que



mantêm apenas a de origem – também não manifestam qualquer vontade de sair de Portugal. Matthias Contzen não hesita: “Apesar de terem mais dinheiro, os alemães não são mais felizes.” Em Portugal, residem mais de 9200 alemães, conforme dados do INE.

Maria de Caldas Antão é casada com um holandês, Pierre Hoonhout, mas não é por isso que tem a dupla nacionalidade portuguesa e holandesa: tinha dois anos quando a mãe, economista, foi fazer um mestrado na Holanda e acabou por casar com um holandês. Ficou em Haia até aos 11 anos, viveu no Equador e em Madagáscar, seguiu-se o Luxemburgo, e, finalmente, Inglaterra – três anos em Oxford, onde fez estudos de Filosofia, Política e Economia e quase 13 em Londres, onde conheceu Pierre. O sonho de viver em Portugal só se concretizou em 2011.

Pierre Hoonout avisa – em inglês, embora perceba o português – que teve um percurso mais tranquilo: nascido em Amesterdão há 44 anos, viveu durante sete em Londres onde fez o doutoramento em Econometria (matemática e estatística aplicadas à análise económica) e leccionou no University College London (UCL) e na London School of Economics (LSE). Ago-

Há já uma década que o espanhol Carlos Cercadillo, especialista em imobiliário, faz negócios em Portugal. O músico e professor universitário Christopher Bochmann e a mulher, Celia Williams, vieram para Portugal nos anos 1980 e não tiveram uma integração fácil. Mas, como diz Christopher, sofrem da doença do professor – o optimismo – e, apesar de também já ter sido atingido pelos cortes na função pública, preferem manter-se por cá

ra, é um dos cerca de 3750 holandeses que, segundo o INE, moram em Portugal.

Em Agosto de 2010, Maria e Pierre casaram em Sintra, onde vive a mãe de Maria desde que se reformou. Foi meio ano antes de se fixarem em Lisboa, junto à Assembleia da República e a meia dúzia de passos do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), onde Hoonout dá aulas em vários mestrados e doutoramentos. Quando respondeu ao anúncio para uma vaga no ISEG, o casal não tinha planos de se mudar para Portugal, mas ao discutirem o assunto perceberam que estavam de acordo.

“A minha mãe fez sempre questão de que eu não me afastasse de Portugal, e as férias eram aqui passadas com os avós, que me diziam: ‘Não te esqueças de que és portuguesa.’ Daí o meu sonho de viver em Portugal”, conta Maria, que nasceu em Lisboa há 36 anos. Consultora de gestão e liderança, continua a trabalhar em Londres. Foi também na capital britânica que fez uma pós-graduação em teatro e iniciou outra carreira, a de atriz, uma área que gosta de manter separada, apresentando-se como Maria Carson.

Além de um ritmo mais tranquilo, a mudança para a capital portuguesa tem inegáveis vantagens económicas. “Em Londres ganha-se mais, mas também se gasta mais porque a vida é muito cara. Só a renda da casa leva 60% do rendimento”, salienta Hoonout.

Quando se instalaram em Lisboa, há dois anos, a crise não era tão visível. Se bem que, comenta o professor com humor, quando chegou o seu salário, “já não era o mesmo que havia sido combinado”. “Mas ainda acho que fiz um bom negócio: em termos absolutos ganho menos em Portugal do que em Inglaterra, mas em termos relativos ganho mais.”

Tal como o escultor alemão, o que Pierre não consegue compreender são as situações limite em que vê muitos portugueses. “Como holandeses, não entendo que não seja garantido um rendimento mínimo a toda a população. Não percebo como é possível as pessoas chegarem a um ponto em que não recebem nada. Na Holanda, há uma grande protecção social.”

Crítico da classe política, que acusa de viver numa bolha e não representar o bem comum, sustenta que a crise devia ser aproveitada para se fazerem “verdadeiras reformas estruturais, com medidas que afrontem os poderes e as pessoas instaladas”, porque “aumentar os impostos é o mais fácil”. À semelhança do britânico Institute for Fiscal Studies, o economista defende a criação em Portugal de uma entidade independente que avalie de forma credível os números e outros dados económicos.

Quanto às razões da crise, explica que ela também existe pelo facto de “Portugal ser um país pequeno que tem a mesma moeda que a Alemanha, tendo, por isso, de se converter num país que trabalhe tão bem como a Alemanha, um país que faça produtos que custam 10 e são vendidos por 15, como a Alemanha faz com os Mercedes”. E conclui: “Os alemães são mais produtivos não porque trabalham mais, mas porque têm estes produtos. Portugal tem de procurar produtos assim.”

Apenas cerca de 55% dos nacionais de países extracomunitários com formação superior trabalhavam em Portugal nos três grupos profissionais de topo (directores e quadros superiores, especialistas de profissões intelectuais e científicas e técnicos de nível intermédio), segundo um relatório do ACIDI elaborado em 2012 no âmbito do projecto europeu Integração na Europa de Nacionais de Países Terceiros Altamente Qualificados. Com base nos quadros de pessoal de 2009, o relatório acrescenta que 80% dos portugueses e 86% dos naturais de outros países da União Europeia com educação superior trabalhavam nesses grupos.

Por cada posto de trabalho tecnológico que é criado são gerados outros cinco postos de trabalho locais. Quem o diz é James Page e Sabrina Mach que há cerca de dois anos estabeleceram em Lisboa a sua mais recente *start-up*, onde trabalham oito portugueses – o que significa, a fazer fé naquela conclusão de um investigador da

Universidade de Berkeley, que foram já criados outros 40 postos de trabalho. E mais estarão na calha dado que estes empreendedores dizem que o desafio da empresa continua a ser o recrutamento de pessoas com as competências adequadas. “O importante já não é saber as respostas certas mas saber fazer as perguntas certas, as que levem à solução dos problemas”, explica Sabrina Mach, nascida há 31 anos em Potsdam.

Esta alemã especialista na Web defende que o potencial de países como Portugal são os jovens altamente qualificados e com capacidade para criar postos de trabalho com as *start-ups*. “É muito triste ver as pessoas inteligentes a abandonar Portugal, pois elas são o futuro.”

Page concorda, ou não tivesse no seu currículo a criação de numerosas *start-ups*. A última, a Webnographer, lançada no Verão de 2010, é especializada em testes remotos de usabilidade e tem como objectivo tornar o uso da Internet mais fácil. “Analisamos como as pessoas se comportam na Web e ajudamos as empresas a tornar os seus *sites* mais fáceis de usar”, elucida Sabrina. Com todos os clientes localizados fora de Portugal, em especial no Reino Unido (como a Sky Television ou a British Telecom), a grande evolução tecnológica dos últimos anos permite operar à distância. Mas se for necessário o contacto directo com um cliente, o casal diz que rapidamente está em Londres. “Há pouquíssimas cidades no mundo onde se possa sair do escritório no centro e estar no ar uma hora depois”, frisa Page, satisfeito com a opção de Portugal em detrimento da Polónia.

Page já conhecia Portugal pois o seu pai, o jornalista e escritor britânico, Martin Page, radicou-se em 1988 na Azóia, Sintra, numa demanda de alento para enfrentar uma cegueira progressiva. Durante os dez anos que ali viveu, escreveu *A Primeira Aldeia Global - Como Portugal Mudou o Mundo*, lançado em inglês em 2002 e já editado em português.

“O meu pai amava Portugal”, declara o filho, que tinha 18 anos quando o pai (entretanto falecido) se mudou. Apesar desse passado, não fala português e toda a conversa acontece em inglês, mas jura que a aprendizagem da língua portuguesa faz parte das suas resoluções e das de Sabrina para o ano em curso.

Lisboa é “uma das cidades mais bonitas do mundo”, diz Page. “Aqui temos espaço e podemos pagar para viver no centro e vir para o escritório a pé”, sublinha, comparando com os valores exorbitantes do imobiliário em Londres, a sua cidade natal. Foi lá que o casal se conheceu, mas mudou-se para a Irlanda em busca de condições menos adversas. E foi da Irlanda, outro país sob resgate financeiro da *troika*, que vieram para Portugal, na Primavera de 2011. “Na Irlanda via-se a crise, havia lojas fechadas nas ruas principais. Em Portugal ainda não a vimos verdadeiramente, embora se leia nos jornais. Como nos afectará? Não sabemos”, comenta Sabrina.

Neste cenário de crise generalizada na Europa, que margem resta aos pequenos países como Portugal? “Sou um grande crente na Europa e discordo totalmente da política britânica em relação à União Europeia”, afirma Page, concluindo: “O meu pai era galês e acreditava muito nos países pequenos.”